

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE EUSTÁQUIO MACHADO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Projeto: Comunicação e educação: a contribuição de narrativas imagéticas para a superação da degradação e desigualdade ambiental em Rondônia

Entrevistadora: Elisabeth Kimie Kitamura

Entrevistado: Eustáquio Machado

Transcrição: Bolsista Daiana Cristina Silva

Transcrição de entrevista realizada no dia 28.03.2018 respeitando-se, na medida do possível, a fala coloquial do entrevistado.

Eustáquio - Eu me chamo Eustáquio Machado, eu nasci no dia 5 de março de 1947 na cidade de Betim, atualmente faz parte da grande BH (Belo Horizonte). Fomos criados na cidade de Belo Horizonte numa extensa família nós éramos em 12 irmãos eu sou o 4º. O meu pai era militar e a nossa infância foi na periferia de Belo Horizonte onde naquela época ainda tinha córrego, tinha rio, tinha arruda e outros córregos que hoje foram tudo transformados em canal de esgoto. Que ressentimento eu tive em Belo Horizonte e voltei muito assustado, pois uma metrópole bastante confusa. Eu aos 18 anos eu entrei pra polícia militar sob a influência do meu pai, ali permaneci por sete anos e seis meses. Com 22 anos, 21 anos, aliás, eu era 3º sargento da polícia e naquela época eu estava concluindo o 2º grau que nós falávamos era 2º grau, era o curso científico, eu estudei no colégio militar, o colégio Tiradentes por ter o 2º grau, aí eu fui trabalhar na guarda do palácio na época do governador Rondon Pacheco, depois do palácio eu fui para outro batalhão de guarda de onde permaneci até 1973 quando eu fiz uma seleção para entrar no Ministério do Interior do qual a Funai fazia parte. Não sei assim por qual influência, simplesmente vi um edital Ministério do Interior não sabia nem o que era, nem o que eu iria fazer na Fundação Nacional do Índio. Naquele ano eu fiz dois concursos, da Funai e da Petrobrás, consegui êxito nos dois, mais primeiramente a Funai me convocou que eu teria que estar em Brasília numa segunda-feira. Recebi um telegrama numa sexta-feira, daquela época militar fui até meu quartel pedi baixa, pedi férias e fui para Brasília onde nós frequentamos curso teórico na UnB (Universidade de Brasília), eu lembro que nós tivemos um professor Roque Laraia, o Júlio Cesar e o próprio Darci Ribeiro. Nós tivemos bastante aula de antropologia, sociologia, enfim nós fomos preparados para auxiliar técnico indigenista.

Elisabeth - Quanto tempo durou esse curso?

Eustáquio - Esse curso demorou seis meses, foram três meses teóricos direto da UnB tempo integral e depois, três meses no campo. A primeira etnia indígena que eu conheci foi os índios Bakairi do Mato Grosso e ali eu conheci os Bakairi e conheci também os Xavantes. Após o nosso estágio técnico na UnB nós fomos para o campo, esse estágio tinha essas aulas da qual eu referi tinha também noções de enfermagem. Nós naquela época aprendemos a aplicar injeção, fazer curativo, fazer [incompreensível]. A primeira área indígena que eu fui trabalhar foi no Pará, eu saí de Belo Horizonte e fui removido para Pará.

Elisabeth - Qual é o ano mais ou menos, seu Eustáquio?

Eustáquio - 1974.

Elisabeth - O senhor tinha?

Eustáquio - Eu tinha 27 anos, nasci em 47. Eu fui para o posto indígena e chamava, eu num sei se ainda existe Posto Indígena “Procara”(?) a margem do rio Tocantins onde foi feito depois, posteriormente uma usina de Tucuruí nas proximidades da cidade de Tucuruí. O meu primeiro filho, eu tenho quatro filhos, o mais velho 45 anos, a Renata 44 e a Nereida 36 e agora o Gregório que está com 6 meses. O Jackson nasceu em Belo Horizonte, a Renata nasceu na cidade de Guarapuava, no Paraná e a Nereida nasceu na cidade de Goianá, Minas Gerais e o Gregório natural aqui de Vilhena. O meu filho mais velho quando eu o conheci ele já tinha 45 dias porque quando ele nasceu eu estava numa área indígena que só entrava e saía de avião, naquela época nós andávamos no avião de uma missão americana nome Missão Independente, eles tratavam dos dentes do índio. Naquela época já, em 73, nós só entrávamos e saía na área indígena que era área isolada, por carona de avião, a Funai não dispunha de um próprio.

Elisabeth - Por que as cáries eram muitas, ou era extração?

Eustáquio - Eu observei nesse período que eles faziam muita extração e pouco tratamento esse fato eu tenho.... Aí eu fui para o Pará lá fiquei pouco tempo, por quê? Eu cheguei numa área indígena em [incompreensível] eu não vou citar o nome do funcionário porque é uma questão de respeito que ele já estava ali há muitos anos, um senhor já de idade e eu cheguei com aquela teoria toda, aquele entusiasmo e comecei a ver o que que aconteceu. Naquela área indígena e desde aquela época de 1974 já entrava o pessoal que era da castanha, pescador e caçador, com a anuência do próprio pessoal da Funai. Ele era do antigo SPI (Serviço de

Proteção ao Índio) com a instrução do SPI, veio a Funai e nós, eu fui 3º curso de indigenista começou a entrar pessoa já com seleção externa, aí eu descobri que ele deixava caçador, deixava pescador tudo na área indígena, aí eu fiz um relatório, a minha jurisdição era cidade de Belém que era...se chamava delegacia de Funai, falava delegado Funai. Naquela época do militarismo o delegado era um coronel, não vou citar nome também por questão de ética, eu levei aquele relatório manuscrito que nós não tínhamos nem máquina de escrever no posto. Fiquei lá tomei um chá de cadeira de umas três horas para entrar no gabinete dele, entrei ele leu e me disse assim, “não acredito em você!” Aí eu respondi na seguinte forma “qual motivo o senhor não acredita?”, ele me disse: Porque o fulano de tal tá lá tantos anos e nunca me deu problema, aí eu fiz outra pergunta, “quantas vezes o senhor já foi lá?” Ele disse “nenhuma”. Aí assim, nós tivemos um desentendimento verbal ele me pôs pra fora da sala e disse que ia me demitir, eu toda vida fui assim, um pouco rebelde. Eu disse que não, que ele não teria poder, que ele era um coronel aposentado que tava tomando a minha vaga que era um técnico especializado, que eu não entrei na Funai debaixo da porta não, entrei num concurso nacional, então por tanto eu tinha os meus direitos e ele não era meu chefe não, ele era um mero ocupante de um cargo ali político, esses foram os meus primeiros desafios que eu tive na Funai. Eles me tiravam do posto me levaram para uma frente de atração, o meu filho tinha uns quatro, cinco meses o Jackson. Eu saí desse posto e fui conduzido para uma frente de atração dos índios Paracaná no Pará, uns índios altos brancos ali tinha o sertanista com muito respeito, o João não sei o sobrenome dele. Eu cheguei lá eu queria ler quais eram os trabalhos, mas, aí tinha uma ordem do coronel que eu não teria acesso a nada! Fiquei naquela base, naquela época 74 se tinha base construída de alvenaria, motor tocava dia e noite energia, eu fiquei com a minha esposa e meu filho ali, aí aconteceu um fato, o enfermeiro adoeceu e foi embora para Belém aí eu passei a atender na farmácia, ali eu fui aplicar a minha primeira injeção que tinha um acampamento de colono próximo e chegou com uma criancinha muito doente, muita febre eu nunca tinha aplicado injeção a não ser nos colegas no curso, a criancinha muita febre, aí eu fui aplicar uma benzetacil e ele achando que se veio novato que veio de Brasília que você saia de alguma coisa e eu tinha mera teoria, ainda lembro de um livro muito importante que era “onde não há medico” era o nosso guia né, aí eu comecei a atender na farmácia e fui praticando, ali eu fiquei 45 dias naquela base até ser removido para o Paraná. Aí eu venho para o Paraná eu saio de 40º graus do Pará veio pro Paraná, frio total na região centro-oeste dos índios Kaingang, quando eu chego em Curitiba sou recebido de uma forma assim brusca também do delegado que me falou assim “não gosto de quem vem transferido” aí eu novamente do meu jeito eu falei “olha o senhor não tem que

gostar de mim, o senhor tem que me respeitar o meu trabalho” Vou a área de Kaingang onde eram 600 índios, Kaingang, centro-oeste do Paraná 600 índios, 7.200 hectares [incompreensível], lá não tinha professora, lá não tinha enfermeira, não tinha nada. Eu começo a fazer aquele trabalho, depois consegui professora, consegui enfermagem. Ali nós fizemos o primeiro projeto para vender madeira desvitalizada, porque os índios queimavam tudo, a madeira ficava queimada fizemos o projeto para comprar uma patrulha agrícola, o que era essa patrulha? um trator, uma carreta, arado e grade. Veio à comissão de Curitiba para fazer a alienação, fizeram o processo compraram um trator, naquela época o CBT 1105, a carreta etc... os outros implementos. O trator começou a dar constantes defeitos, eu fui até uma cidade 60 km de distância do posto indígena peguei um técnico pra que ele avaliasse aquele trator, aí ele provou pra mim que aquele trator era um trator velho que foi pintado e colocado os decalques de novo. Eu faço um relatório e mando direto para Brasília, para o Departamento Geral de Operação chamava DGO, esse departamento era chefiado por um coronel, a Funai sempre foi mandado por militarismo, aí um certo dia eu tô lá com os índios chega esse coronel numa [incompreensível] velha, eu perguntei quem era ele, ele falou que ele era tal, quem eu era “ o senhor é o Eustáquio? ” Ele tira a minha comunicação e fala “o senhor comprou duas passagens, uma pro céu e outra pro inferno, eu fiquei assustado “por que coronel”? “Se o senhor falou a verdade eu vou lhe dar outra patrulha agrícola, se o senhor falou mentira, eu vou lhe demitir e a sua verdade vai custar a demissão do delegado e o que aconteceu? Eu recebi outro trator [incompreensível] nesse posto nos começamos a fazer um trabalho, primeiramente na área de saúde, que tinha muita doença naquela época nos índios Kaingang e muitas crianças desnutridas, o que nós fizemos? Nós chamamos todos os pais dessas crianças começamos a fazer uma horta comunitária. Ele era obrigado a trabalhar! Não tinha esse negócio de querer não! Era quase que forçado. Eles tinham o sistema do cacique, quando eu cheguei o cacique me recebe com revólver na cinta. Eu disse pra ele “que que é isso? ”, ele disse “eu sou o cacique” eu falei “ mas quem que pôs o senhor como cacique?” Para ficar assim? “O chefe do posto”, agora o senhor pode ir pro outro, aí eu falei "não!". Eu não mando em índio. Aí nós começamos a fazer diversas conversas pra como mudar a liderança, como ser o cacique, como eles eram muito analfabeto saíram dois candidatos, um era representado por um grão de feijão e outro por um grão de milho então ali nós tivemos a primeira eleição. Eu tentei aplicar um sistema socialista mesmo, ali nós criamos também um conselho de todos os ex-caciques, o conselho orientava o cacique. Naquela época ainda, os índios bebiam muito, já bebiam muito e eles tinham punição dado pelo próprio conselho, eu lembro uma passagem muito interessante sobre bebida, nessa aldeia tinha um índio que ele

chama ou chamava eu não sei se tá vivo ele era mais novo que eu, Paulo Cuitá. Ele não era da etnia Kaingang ele era de outra etnia não tô me recordando agora, mas ele era muito culto, que ele falava kaingang, guarani, e choquenhé (?) era da etnia Choquem (?) de Santa Catarina, naquela época a Funai possuía no Rio Grande do Sul, uma escola de formação de monitores bilíngue. Primeiramente, o índio Kaingang era alfabetizado no idioma Kaingang para depois ser alfabetizado no português. E um certo sábado, esse Paulo vai pra cidade, a área indígena ficava a cinco quilômetros da cidade e volta bêbado, os índios prenderam ele, aí no domingo foi a reunião do conselho. Na reunião chamava atenção, advertia, etc. Aí, todos falavam e o presidente do conselho chamava-se Salvador Veinhã(?). Veinhã quer dizer terra preta em kaingang e ele muito culto, tinha conhecido Getúlio Vargas, tinha ido ao Rio de Janeiro, ele que fechava o conselho todos falavam e ele falava no final, aí eu me lembro que ele fala a seguinte expressão pro Paulo Cuitá: "Um kengang como eu, analfabeto, você professor, que cuida dos meus crianças, meus filhos, eu te dar o conselho, o meu conselho para você é um só", todo mundo ficou quieto, aí ele falou assim "o meu conselho pra você é o silêncio". Aí liberaram o Paulo no domingo, na segunda ele não amanheceu, ele foi embora com a mochila dele, foi embora. Uma cena muito dura, eu lembro assim até com emoção aquela cena entendeu [choro] ali nós passamos bastante tempo, ali eu adotei uma criança indígena, a mãe morreu no parto, essa criança depois tava bonita já assim com... não sei se é dez ou cinco meses ela morre de meningite, ali foi uma cena muito chocante que me marcou, eu como pai da criança eu fui acompanhar o velório dos kaingang o caixão tá lá, todos vêm, despede do outro, passa uma cena passa a palavra. O velório, o enterro é corrido, eles passam duas cordas, passam um pau no meio do caixão uma fila indiana onde esse [incompreensível] vai entrando vai fazendo aquele rodízio né, e eu fui no cemitério dessa vez que era minha filha né, mas foi uma cena muito marcante pra mim, eu não sei como seria se ela tivesse viva e depois eles iam deixar eu levar ela embora né, que na realidade, era uma filha só biológica, por que a cultura branca [incompreensível] dois filhos não falaria idioma "kaingang"...Eu adoto a criança, uma menina muito novinha, e ela morre com dez meses de idade. Foi um negócio muito triste que marcou bastante...

Eustáquio - Nessa época eu morava na aldeia tinha o Jacks, já tinha a Renata também que eles são uma diferença de um ano, são do mesmo dia com um ano de diferença, 20 de novembro de 1973 e 21 de novembro de 74. Depois dessa fase da Funai do Paraná, eu sou transferido pra Minas Gerais. Eu fui pra uma... chamava-se Fazenda Guarani. Ali a Funai concentrava todos os criminosos do Brasil e punha lá, num tem clima dois culturas diferentes

Choquem, Kaingang, Paracaná que é a do Nordeste. Ali era uma coisa terrível, não tinha nenhuma unidade cultural, tudo diferente não sei que ideia era aquela da Funai. A Funai já teve uma guarda armada de índios que policiava os outros índios, era uma coisa absurda, não entendia... tudo no Regime Militar. Eles andavam fardados tinha uma doze e vigiava os outros índios, uma coisa terrível, terrível.

Elisabeth - Inclusive, me parece que tem um documentário que representa esses índios em desfile em uma data de comemoração.

Eustáquio - Sim! Sim!

Elisabeth - E simulando como eram torturados...algo desse tipo né?

Eustáquio - Era uma coisa absurda, quando eu cheguei a conhecer era na extinção já né. Eu ficava apavorado.

Elisabeth - Isso foi durante o governo militar né ...

Eustáquio - Governo militar. Foi uma coisa terrível. Eu trabalhei em Minas Gerais e ali nós trabalhávamos com os índios Pataxó que é da Bahia, os índios “Maxakali” que tá no norte de Minas [incompreensível] tem uma passagem dos “Maxakali” muito interessante que marcou muito. Eles tinham dois postos indígenas, um que se chamava Pradinho que era o nome de um rio e o outro, Água Boa, outro rio. Eram duas áreas, no meio dela existia uma área de fazendeiros, então quando o índio..., os índios “Maxakali” bebiam muito! E muito agressivo um com o outro...

Elisabeth - Qual é a época, seu Eustáquio?

Eustáquio - Isso aí em 81, 80, 81... nessa época assim. Eles se agrediam muito com facão. Então quando um índio cometia um delito desse lá na Água Boa, ele fugia para o Pradim, e quando do Pradim cometia um delito ali fugia e não tinha perseguição, eles respeitavam aquele território. Depois que eu vim embora para Rondônia, eu não sei se foi em 90 a Funai com despreparo total, desapropriou essa área e uniu as duas tribos e teve um massacre entre eles. Eu não consegui entender, eu fico pensando por que não teve um estudo para saber, por que eles respeitavam aquela divisão territorial... quando a Funai desapropriou aquela área e uniu os postos, tiveram o massacre entre eles.

Eustáquio - Então essa passagem pela Fazenda Guarani, o qual eu referi que era um presídio, onde a Funai transferia todos os índios principalmente do Nordeste e eles ficavam

concentrados, ali não tinha nenhuma unidade cultural, que cada índia era uma tribo e cada tribo um idioma diferente, foi uma passagem muito chocante se vê aqui desagregação das comunidades indígenas e tinha também aquela guarda fardada com doze, índio prendendo índio.

Elisabeth - Quem que foi que criou essa guarda seu Eustáquio?

Eustáquio - Eu não lembro quem foi que criou, o presidente que criou eu não me recordo entendeu, mas isso era década de 70 a 80. Teve o general Bandeira de Melo, não me lembro se era ele, eu não lembro porque a Funai sempre foi comandada por generais. Isso foi uma característica, né. Depois teve um tempo ela teve alguns outros que foram indigenistas que não conseguiram sucesso. Outro fato que eu tenho também, eu trabalhei no Paraná quem era meu delegado na época era o Álvaro Villas-Bôas, eu tive o contato direto com ele. Dos quatro irmãos Vilas Boas, que é o Orlando Álvaro Leonardo e tem mais um, o Cláudio! Cláudio Vilas Boas. Eu conheci dois, o Álvaro e o Orlando Villas-Bôas. O Álvaro era um burocrata, o Orlando era o comunicador o Cláudio grande indigenista, foi um grande indigenista! Foi o Cláudio Vilas Boas! E o Leonardo que morreu muito jovem morreu no Xingu de alcoolismo, eram dois indigenista fortes. O Orlando fazia publicidade etc., outro também que eu trabalhei conheci foi o Apoena Meireles, Apoena Meireles, filho de um grande sertanista, Francisco Meireles. O Apoena muito jovem.

Elisabeth - Apoena, o senhor conheceu...

Eustáquio - Aqui em Rondônia!

Elisabeth - Aqui em Rondônia...

Eustáquio - Conheci em Brasília e depois em Rondônia. O outro fato também que eu lembro aqui de Rondônia foi um presidente, não estou me lembrando o nome agora, quando nós localizamos índio na região... puxa agora deu branco! Sidney Possuelo, ele era chefe do sertanista, que era indigenista e depois promovido a sertanista e nós estava contatando os índios [incompreensível] depois de Cerejeiras. Esse Sidney veio para uma expedição. Ele faz um relatório constatando que não existia índio e teve um massacre dos índios ali naquela região de Cerejeiras. Tem fazendeiro da região, não vou citar nome por questão de ética também, que foi que organizou o massacre desses índios isso aqui recente, isso é recente década de 90, década de 90 para mim é recente.

Elisabeth - [incompreensível] Corumbiara?

Eustáquio - Corumbiara! Índios dali da região de Corumbiara. Tem um livro sobre o assunto.

Elisabeth - E um filme também.

Eustáquio - Tem um filme também [incompreensível] daquela região. Eu tive um grande colega aqui que hoje está aposentado Marcelo dos Santos que nós tivemos muito trabalho na região de combate a madeireiro, garimpeiro. O garimpo que marcou muito também foi lá na região Pontes e Lacerda chegou a ter lá média de dois mil homens garimpando dentro da área indígena região riquíssima de ouro entendeu, depois tirou tudo..Eu trabalhei ali naquela época operação com os índios tirando garimpeiro e naquela época eu lembro da operação de desestruturação de garimpeiro eu e outros colegas da Funai, tinha o Osmar tinha o Pedro indigenistas bons [incompreensível] e vieram o pessoal de Cuiabá, que trabalhava em Cuiabá, eram jovens fortes e tal que trabalhava tipo a polícia da Funai e nós chegamos no garimpeiro eu lembro um tal de Botinha aí nós queimamos todo o rancho deles. Ele chegou com um jipe, então um desses funcionários da Funai de Cuiabá, “não faz isso não Eustáquio, eles vão te matar! ” Eu falei “não mata ninguém, não tenho medo de morrer”, “ele é perigoso” aí eu falei assim com ele “ sai daqui se eu encontrar você de novo, eu vou queimar você e seu jipe, esse funcionário era envolvido com o garimpeiro, a Funai já tem muito caso disso aqui. Eu não trabalhei na região dos Cinta Larga de Cacoal onde tem o famoso diamante, minas de diamante, onde todos nós sabemos que diversos políticos são envolvidos, não cito nome para não se comprometer.

Elisabeth - O senhor trabalhou aqui no período do garimpo que foi realmente desastroso, não?

Eustáquio - No período de garimpo e madeireiro. Como começou madeireiro? Eu lembro eu e o Marcelo a gente saia da Funai pra ir fazer fiscalização, quando nós chegávamos na área indígena, os madeireiros tinham saído a 15 a 20 minutos porque nós tínhamos servidores da Funai que comunicavam a nossa saída para a operação e só prendemos uma vez, sete madeireiros e um monte de caminhão quando nós estávamos na rua e saímos sem comunicação de serviço, porque todas as nossas operações quando nós chegávamos na área indígena , eles já tinham saído a 15, 20 minutos antes que nós. Servidores da própria Funai que naturalmente ganhava com esse fim que comunicava “ está saindo uma fiscalização na área tal”, então isso já aconteceu muito na Funai. Eu trabalhei em uma época muito dura, combate a garimpeiro, combate a madeireiro. Na região de Comodoro tinha uma família, uma

família Pompermayer, esse eu posso falar, Pompermayer são muitos, esses foram um dos grandes devastadores da área indígena, hoje a área se encontra totalmente devastada, pouquíssimas madeiras, os índios se encontram praticamente entregues a sua própria sorte. A Funai é totalmente desestruturada, não tem servidores especializados, os poucos especializados são alguns heróis, estão esperando vencer o tempo para se aposentar. Nós tínhamos na minha época, um técnico indigenista, um técnico de enfermagem e uma professora que residiam direto nos postos indígenas. Posterior, na década de 96 por aí extinguiram a função chefe de posto e a Funai não fez mais concurso. Ela começou assim a deteriorar quando ela começou a colocar pessoas indicadas por políticos, não formavam mais técnicos, simplesmente colocava alguém que era indicado pelo deputado tal, senador tal, para ser chefe de posto e posterior deteriorou mais ainda quando era extinguida a função de chefe de posto e ficou coordenador de posto, uma pessoa para coordenar cinco, seis áreas indígenas é impossível isso, não tem...

Elisabeth - Seu Eustáquio nesse período quais eram as etnias?

Eustáquio - Eu trabalhei aqui em Rondônia com os Nambiquara, um grupo, uma família de índios. Ali tem Mamandê, tem Ninguarante, tem Raraitesú(?) tudo faz parte do grupo Nambiquaras a família Nambiquara tem essas outras etnias o Sararé...

Elisabeth - Certo. Aí, o senhor chegou a conhecer o nambiquara Capitão Pedro, Capitão Pedro Nambiquara?

Eustáquio - Eu tenho uma passagem da qual nos participamos no garimpo lá do Pontes e Lacerda do qual nós estava... eu estava, eu e a técnica indigenista Cristina, o Miranda que era outro técnico e nós estávamos mais ou menos 70 índios, inclusive o Capital Pedro e nós fomos conhecer o garimpo, eu tomei um susto quando eu cheguei era uma cidade e o Capitão Pedro falava pouquíssimo português, ele pega um garimpeiro daquele e enfia no barro e os garimpeiros tudo com aquelas barras de ferro, os índios estavam todos armados, nós levavam eles armados eu falei: ""Para Capitão!" Ele falou, "Não! A terra é minha! E enfiou um garimpeiro no meio da lama. Eu tive medo que fossemos massacrados pelos garimpeiros. Capitão Pedro morreu assassinado pelo próprio índio na aldeia, aqui Mamandê.

Elisabeth - Mas por que pelo próprio índio?

Eustáquio - Eu não sei. A desculpa do índio é que ele estava caçando e atirou errado mais a suspeita que aquilo era a mando de algum madeireiro, porque ele não admitia que os índios

vendessem madeira, ele combatia ferozmente a vida de madeira. Deve existir algum documentário nesse sentido da morte do Capitão Pedro na Funai.

Eustáquio - Quanto à exploração de madeira, no momento nesses instantes nós temos grande problema com os índios do município de Chupinguaia que ali o Aikanã ali tem Aikanã, Sabanê, Gratundê(?) são três etnias no qual eu atuo no processo de defesa de três índios que estão sendo processados que estavam vendendo madeira.

Eustáquio - Quando eu aposentei eu aos 54 anos eu fui fazer direito eu entrei na faculdade aqui em Vilhena em 2001 e formei em 2006, tem doze anos que eu advogo e sempre nas causas que têm possibilidade eu estou na defesa dos índios, inclusive no próximo 24 de maio eu estarei em Comodoro fazendo a defesa de um índio que foi preso porque estava transportando na garupa de uma motocicleta uma espingarda desmontada, eu fiz a defesa já escrita pela liminar e no dia 24 de maio eu estarei lá no fórum pra acompanhar o índio que ele vai depor, é um fato bastante interessante porque a própria Funai comprava armas para os índios, isso eu vou deixar provado no processo que quem dava armas para os índios era a Funai.

Elisabeth - E no passado e também no período da morte do Nambiquara Pedro né, é muitas notícias apresentam a relação, índios, fazendeiros e nas trocas de interesses entre eles os próprios fazendeiros também forneciam armas para os indígenas.

Eustáquio- Sim!

Elisabeth - Isso também é verdade?

Eustáquio - É verdade! Eles também trocavam com os índios carro velho tirava madeira o índio tinha noção bastante de madeira. Hoje o pior do que a madeira, hoje existe na área de Chupinguaia, os índios estão consumindo *crack* levado por madeireiro.

Elisabeth - Hoje? 2018?

Eustáquio - Hoje, 2018. Eu tive na aldeia conversei com alguns funcionários e tem uma da que presta saúde agora numa é uma missão não sei se é Kaiowaa(?) Mato grosso do Sul que a Funai não tem mais profissional de saúde na área por que tem essa missão e a enfermeira me confidenciou. O os índios estão recebendo *crack* de madeireiros, uma situação triste! Eu tive isso, reuni com eles falei sobre o assunto, o mal que causa isso, bastante jovem. Eu noto que as comunidades estão perdidas entregue a sorte, não sei qual é a intenção do governo, mas é duro ver os índios estão padecendo sem nenhuma assistência, seja ela material, intelectual,

orientacional, totalmente abandonados os índios. Eles têm patrimônio grande cultural mantêm o idioma, mantêm as festas, ainda tem o ritual da Menina Moça, é quando a menina passa de menina à mulher, ela fica numa oca fechada, ninguém entra só entra a mãe para dar comida, aí depois sai faz a festa tudo isso eles mantêm, eles mantêm esse ritual, e nossa população aqui, principalmente Vilhena, discrimina totalmente os índios, essa história de pedágio.

Elisabeth - Como é que surgiu essa história do pedágio? Para finalizar...

Eustáquio - O pedágio, inclusive nós temos aqui entre Juína, por que passa dentro da área indígena, eu não sei como, quem é que ensinou isso a eles, eles têm quatro postos de pedágio, dois funciona na ida, e dois funciona na volta. Eu conversei com eles, aquilo ali de tempo em tempo fica uma família e vai trocando, quando a nossa sociedade vê índio andando aqui de Hilux, de camionete a sociedade indígena é semelhante a nossa! É uma elite não são os índios todos que tem camionete, é uma elite dominante que usufrui desses bens e quem ensinou isso para eles foi nós o branco. Então eles estão sofrendo pelo nosso erro.

Elisabeth - Me parece seu Eustáquio que antes firmaram contratos é... por exemplo, como as estradas construídas com interesse de explorar madeira era interesse dos fazendeiros, então eles firmaram antes um contrato com os indígenas e esse dinheiro que entrava do pedágio ia para a associação dos fazendeiros, ou dos madeireiros, e não posso dizer... é dos madeireiros e com esse dinheiro, pelo menos o que nós temos de informação, com esse dinheiro eles compravam mantimentos para os indígenas.... Depois de um certo período é que os indígenas....

Eustáquio - Assumiram o pedágio...

Elisabeth - Assumiram o pedágio. Eles falavam, não essa terra é nossa e nós vamos cobrar o pedágio, não vai mais para a associação dos brancos, mas para nós, para nós, nossa comunidade.

Eustáquio - Eu não tenho conhecimento desse fato, eu já conheci os índios já com o pedágio aqui pra Juína onde tem um pedágio dos índios é o nome popular eles falam assim Salumã, mas não é Salumã é Naueauê(?).

Elisabeth - Ali no rio Papagaio?

Eustáquio - É “Naueauê” eles são ali. Eles eram os índios que não comiam carne de boi, eles só se alimentavam de peixe e hoje estão totalmente destruídos, comendo churrasco você vê cidade eles aí, mas mantêm as tradições bem séria. E durante esse tempo todo que eu trabalhei

na Funai, eu entrei como auxiliar técnico indigenista e aposentei como sertanista na penúltima do quadro na Funai. Fui colocado na disponibilidade na época do primeiro governo Lula que eu era petista e fazia campanha para o Lula, aí o Lula perde entra Collor, eu sou o primeiro na lista da Funai a colocar em disponibilidade. Era projeto do Collor tirar o nosso salário, mas como não existia lei nós ficamos seis meses à toa e recebendo salário, ficou feitiço contra o feiticeiro. Já era a Funai bastante militar, não sei hoje se ela tem, tem sim presidente atualmente é um general também não sei por que a Funai é militar, não tem nada a ver com nada e a gente vê cada dia mais a destruição da cultura indígena , são pessoas que estão lá trabalhando simplesmente por dinheiro por que não tem aquele amor a causa e quem quer trabalhar com índio tem que ter um sentimento voltado para o povo indígena, são povos diferentes , culturas diferente, atos diferentes, que nós temos que respeitar do jeito que eles são, nós não vamos transformar um índio em branco, o índio é coletor e caçador e nós queremos transformá-lo em produtor e criador, é biologicamente, o índio é coletor e caçador, ele não tem poupança, ele não armazena nada pro futuro, se ele matar dez capivara ele vai comer nove e meia, na outra metade ele vai ver se existe outros e tem assim ajuda entre um e outro a família toda come juntos todos tem aquela vida comunitária que é o que nós faltamos muito aqui na nossa sociedade que se diz civilizada.

Elisabeth - Obrigada seu Eustáquio.